SAÚDE MENTAL
Edição 13
Desafios da prevenção, diagnóstico, tratamento e cuidado na sociedade moderna

Capítulo 05

O USO NÃO RECOMENDADO DE MEDICAMENTOS DERIVADOS DA ANFETAMINA POR GRADUANDOS

ELENA MONTES CALVO[1]
FERNANDA CAMARGO SERATO GRANDJEAN VON BRUSKY[1]
LEONARDO SOKOLNIK DE OLIVEIRA[2]
MANUELLA KERSTING FREDIANI[1]
THAMIRES ROS DOMINGUES[1]
YASMIN GARCIA SCRIPILITI[1]

1. *Discente – Curso de Medicina da Universidade Santo Amaro.*
2. *Docente – Curso de Medicina da Universidade Santo Amaro.*

Palavras Chave: *Anfetaminas; Graduandos; Uso não recomendado.*

doi 10.59290/978-65-6029-034-1.5

INTRODUÇÃO

A anfetamina foi sintetizada pela primeira vez no século XIX, na Alemanha, e teve seu auge de usuários durante a Segunda Guerra Mundial. Contudo, devido aos diversos efeitos adversos da substância, o Brasil a partir da década de setenta começou a desenvolver uma rígida política antidrogas, fazendo com que a comercialização de derivados da anfetamina fosse dificultada (BRASIL, 1976). Apesar das iniciativas do Estado, os estudantes continuam tendo acesso a esses entorpecentes através de amigos que fazem uso contínuo do fármaco, ao qual possuem acesso a receita amarela que permite a compra de medicamentos tipo A3, além de muitos acabarem comprando de mercados clandestinos (MUAKAD, 2013).

Derivados de anfetamina, como por exemplo, a ritalina é um estimulante do sistema nervoso central, cujo princípio ativo é o cloridrato de metilfenidato. O medicamento é indicado para tratamento de transtornos de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), transtorno hipercinético e narcolepsia. Com o uso desse medicamento o foco, a atenção e a concentração são favorecidos, motivo pelo qual muitos graduandos, principalmente estudantes de cursos árduos que exigem longos períodos de estudo como Medicina, se arriscam fazendo uso contínuo da droga.

O uso dessa substância estimula a comunicação entre neurônios, incluindo aqueles que usam o neurotransmissor chamado dopamina. Muitos dos neurônios que liberam dopamina são ativados quando a pessoa consome algo que dá prazer, como alimentos doces, ou faz algo prazeroso, como sexo. Por agir como um meio artificial de ativar esses neurônios que comunicam sinais de prazer causam uma sensação de bem-estar e euforia momentânea após seu consumo.

Seu princípio ativo, cloridrato de metilfenidato, atua como um psicoestimulantes, aumentando a produção e os níveis de dopamina e noradrenalina. Desta forma, estudantes têm sua capacidade intelectual aumentada momentaneamente, não trazendo benefícios reais para indivíduos sem TDAH (BATISTELA, 2011). Além dessa falsa impressão, muitos estudantes desconhecem ou negligenciam os efeitos colaterais do remédio a fim de alcançarem seus objetivos acadêmicos.

O uso do medicamento a longo prazo acarreta dependência química e psicológica do fármaco, dada a falta da concentração excessiva obtida pelo usuário nos dias em que não faz uso da droga. Além disso podem ocorrer inúmeros efeitos colaterais, ainda mais graves em quem não possui nenhum transtorno, como: febre, alteração dos batimentos cardíacos, ataques de pânico ou ansiedade, cefaleia, enjoo, insônia, perda de apetite, alucinações, dor no peito, agitação, entre outros.

O objetivo deste estudo foi verificar o impacto do uso de derivados da anfetamina por graduandos na tentativa de melhorar a concentração e o desempenho acadêmico.

MÉTODO

A pesquisa foi quantitativa, coletando diversos dados através de um questionário, que interrogou os entrevistados a respeito das seguintes variáveis: se o entrevistado já utilizou medicação para melhora do desempenho acadêmico; idade; sexo; curso e semestre; se o entrevistado pesquisou previamente os efeitos colaterais da medicação; por onde o entrevistado tomou conhecimento desse tipo de medicação.

Para tal, o *link* do questionário foi elaborado na plataforma *Google Forms* e foi compartilhado por meio de redes sociais como *WhatsApp*, *Instagram* e *Facebook*.

Os dados foram armazenados na própria plataforma *Google Forms*, e quando atingido o número esperado de respostas, os dados foram recebidos da plataforma e salvos em planilha *Microsoft Excel*. Essa foi salva no disco rígido. Os dados foram analisados usando o programa de análise estatística SPSS.

A aprovação do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) também foi feita de forma eletrônica. A amostragem foi feita por conveniência.

Esta pesquisa atendeu aos critérios de pesquisa envolvendo seres humanos estabelecidos na Resolução 466/2012 do CNS, tendo aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa sob o parecer de número 4.350.481.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário lançado na plataforma do *Google Forms*, obteve o total de 105 respostas, sendo que desses, 17,7% eram usuários de medicamentos derivados da anfetamina (**Imagem 5.1**). A maioria dos respondentes (67,4%) são mulheres (**Imagem 5.2**), e 78,3% deles eram jovens de 18 a 21 anos (**Imagem 5.3**), sendo 50,9% estudantes de medicina (**Imagem 5.4**). 57,7% deles referiu ser do primeiro ano de cada curso, pela soma do primeiro com o segundo semestre (**Imagem 5.5**).

Imagem 5.1 Você faz uso de automedicação para melhorar seu desempenho acadêmico?

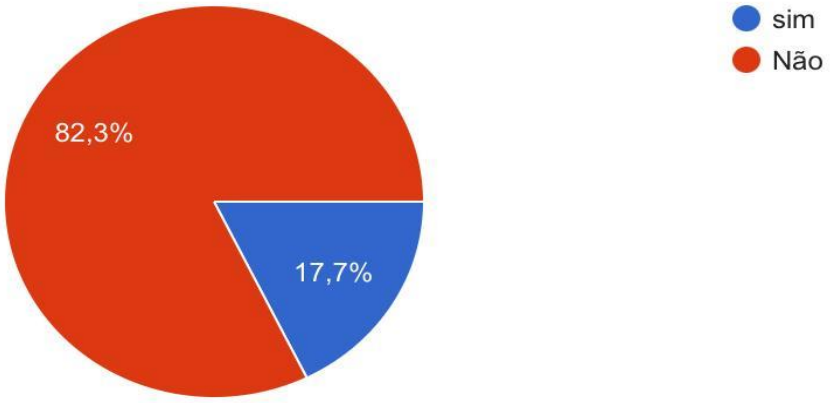


Imagem 5.2 Qual seu sexo?

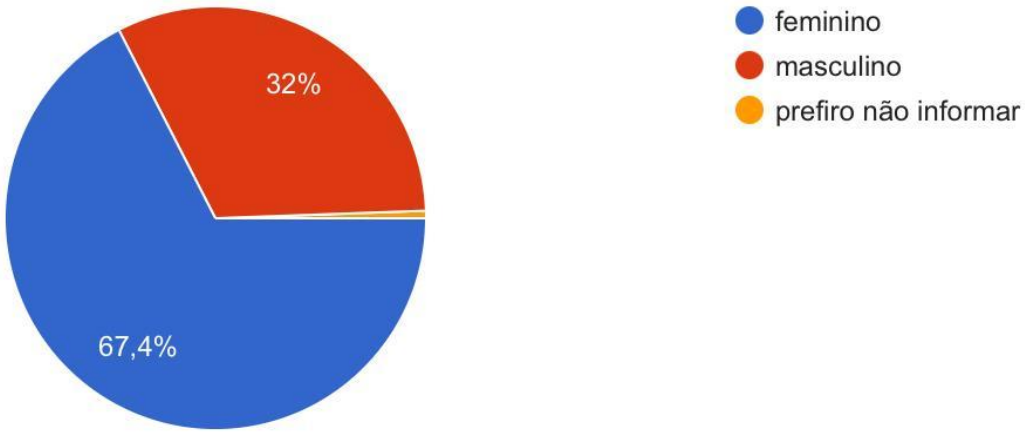


Imagem 5.3 Qual a sua idade?

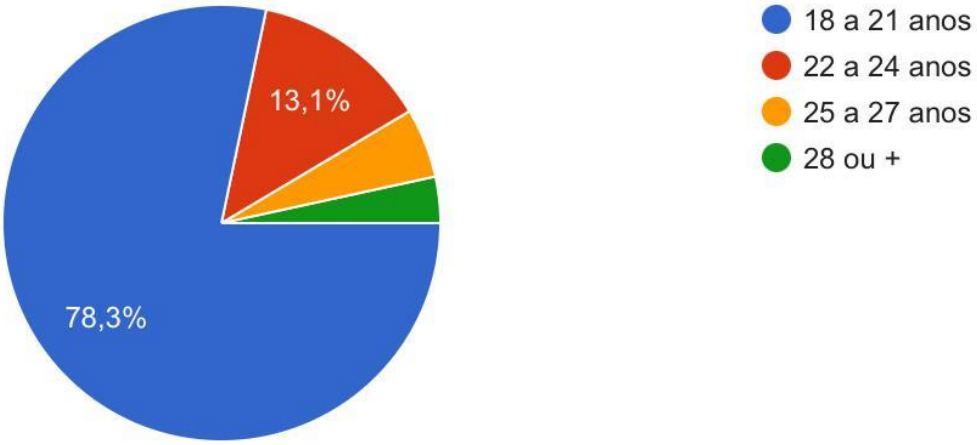


Imagem 5.4 Você faz qual curso?

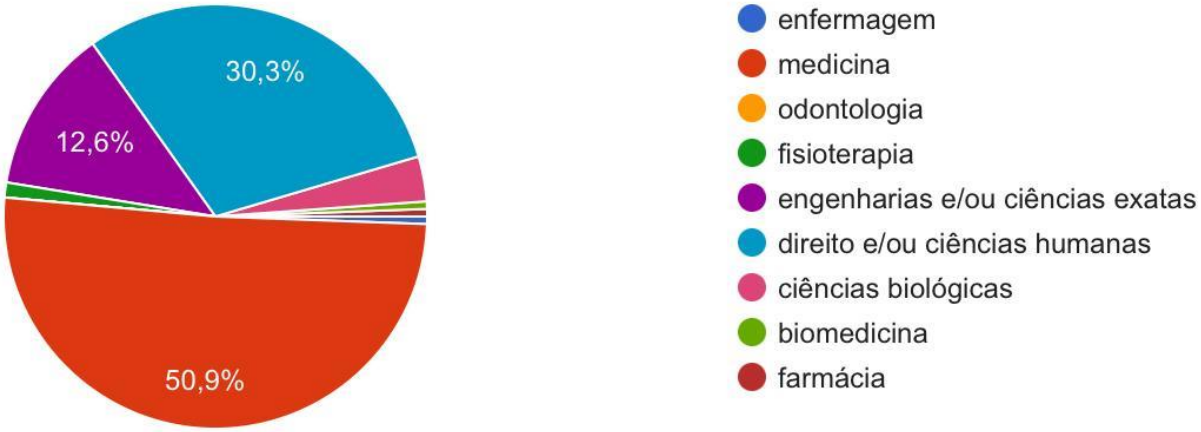
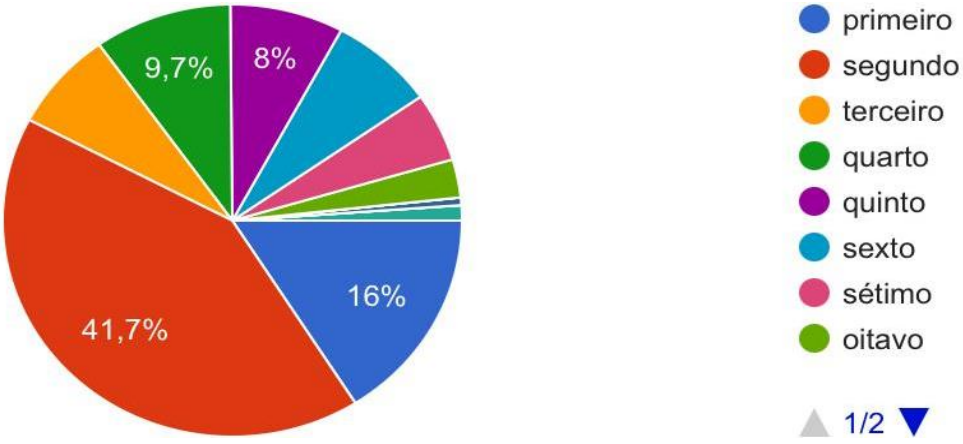


Imagem 5.5 Você cursa qual semestre?



A resposta ao questionamento sobre os efeitos colaterais foi inesperada, visto que 52,2% das pessoas se informaram sobre eles antes de fazer o uso (**Imagem 5.6**), mesmo tendo o primeiro contato através de amigos (47,8% **Imagem 5.7**). Entretanto, é importante ressaltar que 47,8% dos usuários não se informaram sobre a droga antes do uso (**Imagem 5.6**), sujeitando-se a uma utilização sem indicações clínicas e com possíveis repercussões clínicas preveníveis.

Imagem 5.6 Você se informou a respeito dos efeitos colaterais das medicações antes de usá-la pela primeira vez?

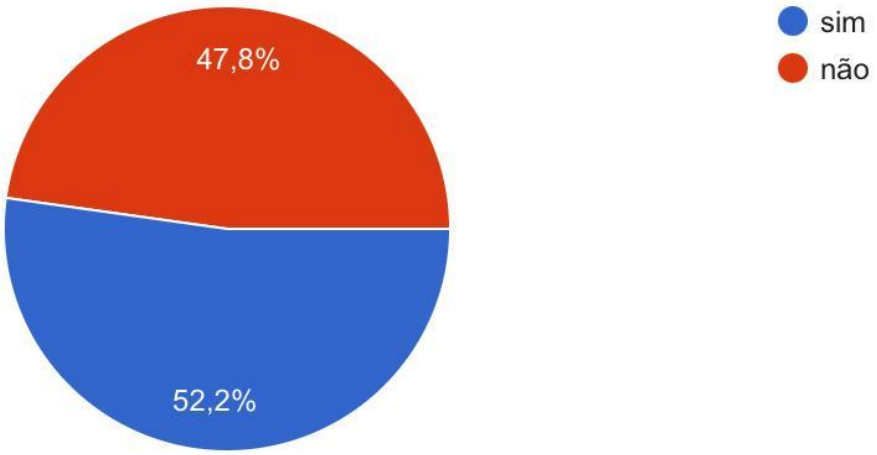
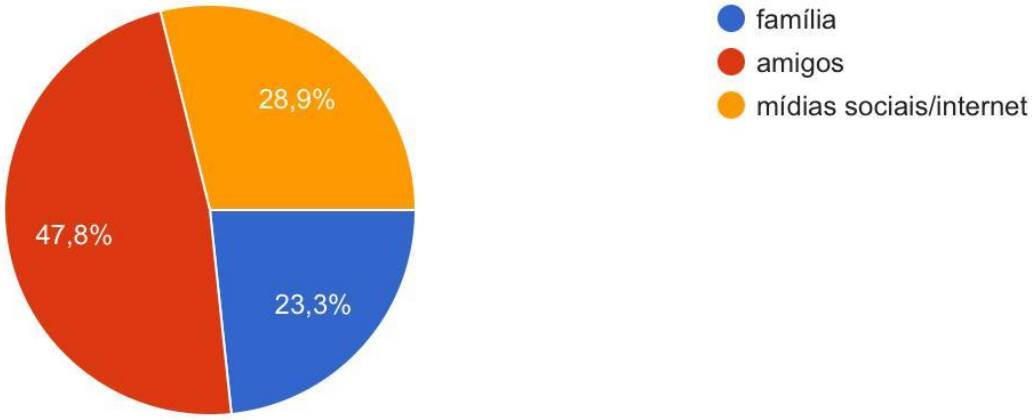


Imagem 5.7 Como você teve conhecimento das medicações?



Vale ressaltar também a importância das redes sociais na propagação de informações muitas vezes erradas sobre os derivados das anfetaminas, visto que, como comprovado no gráfico acima, 28,9% dos entrevistados tiveram conhecimento delas por meio das redes sociais.

Estatísticas de outros países

Segundo uma pesquisa feita pelo *National Institute of Health* (NIH) dos Estados Unidos, de 1253 estudantes universitários entrevistados, 45 tinham TDAH diagnosticado, enquanto 1208 não tinham (ARRIA *et al.*, 2008).

Desses 45, 15 fizeram uso indevido dos derivados de anfetaminas: Oito deles, pelo menos uma vez na vida uso de doses exageradas de suas medicações já prescritas; Quatro utilizaram tanto doses exageradas de suas próprias medicações quanto outras medicações não prescritas para eles. E os outros três remanescentes apenas utilizaram indevidamente medicações não endereçadas a eles, apesar de manterem o uso correto de seus próprios fármacos.

Retomando os outros 1208 estudantes que não tinham TDAH diagnosticado, 218 se automedicaram com os derivados de anfetaminas, enquanto 990 relataram nunca terem feito uso não recomendado dessas medicações.

CONCLUSÃO

O estudo comprovou que menos da metade dos usuários fazem uso da droga sem conhecimento prévio ou prescrição médica. Apesar

disso, os que o utilizam sem prescrição têm fácil acesso ao medicamento por meio de amigos e familiares.

Dessa forma, conclui-se que o objetivo de melhora do seu desempenho acadêmico é falho (BATISTELA, 2011), e por conseguinte, os efeitos colaterais do uso inadequado dos medicamentos são desproporcionais aos benefícios que supostamente ocorreriam, no imaginário dos estudantes.

Ademais, nota-se a importância da discussão sobre essa classe medicamentosa, e a falta de campanhas de conscientização, tanto governamentais quanto estudantis, de ONGs e dos próprios profissionais que lidam com a saúde mental, acerca do assunto.

Nota-se também a falta de literatura científica brasileira específica relacionada aos casos supracitados de pacientes usuários da droga sem prescrição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIA, A.M. *et al*. Nonmedical Use of Prescription Stimulants among College Students: Associations with ADHD and Polydrug Use. Pubmed Central: National Library of Medicine: NIH, Scottsdale, v. 2, n. 28, p. 156, 2008. doi: 10.1592/phco.28.2.156.

BATISTELA, S. Efeitos da administração aguda de diferentes doses do metilfenidato sobre a cognição de jovens saudáveis. 2011. 88 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo - SP, 2011.

BRASIL. Lei nº 6.368, de 21 de outubro de 1976. Dispõe sobre medidas de prevenção e repressão ao tráfico ilícito e uso indevido de substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica, e dá outras providências. Brasília, DF., out. 1976. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6368.htm. Acesso em: 20 out. 2021.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, Resolução n° 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre normas e regulamentações e normas das pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf. Acesso em: 07 ago. 2023.

MUAKAD, I.B. Anfetaminas e drogas derivadas. Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. São Paulo, v. 108, p.545, 2013.